

Intelectual negra na história atlântica: o projeto historiográfico de Beatriz Nascimento¹

Janira Sodré Miranda²

janira.miranda@ifg.edu.br

RESUMO

Este artigo propõe um olhar sobre a trajetória da historiadora e professora Beatriz do Nascimento (1942-1995). Aborda sua biografia, com ênfase no período em que sua produção teórica, entre 1970 e 1990, alcançou temas e perspectivas que estabeleciam uma crítica às narrativas dominantes sobre a experiência histórica negro-brasileira. A obra dessa intelectual negra marcou o período de reorganização do movimento negro no contexto da ditadura no Brasil (1964-1983/4) e se mantém atual, visto que seu projeto de uma história protagonizada por pessoas negras continua causando seus impactos sobre os movimentos negros de base acadêmica e para além deles.

Palavras-chave: Beatriz Nascimento, história negro-brasileira, intelectual negra.

ABSTRACT

This article proposes a look at the path of the historian and teacher Beatriz do Nascimento (1942-1995). It addresses the his biography, with an emphasis on the period in which her theoretical production, between 1970 and 1990, reached themes and perspectives that established a critique of the dominant narratives about the black-Brazilian historical experience. The work of this black intellectual marked the period of reorganization of the black movement in the context of the dictatorship in Brazil (1964-1983/4) and remains current, as her project of a history led by black people continues to impact academically-based black movements and beyond.

Keywords: Beatriz Nascimento, black-Brazilian history, black intellectual.

¹ Pesquisa realizada com apoio institucional da Universidade de Brasília. Sua execução abrangeu a coleta e análise de dados para a produção do verbete Beatriz Nascimento do *Dicionário Cem Fragmentos Biográficos: história das mulheres negras em trajetórias*.

² Janira Sodré Miranda é Professora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás e doutoranda em História na Universidade de Brasília.

*“O que é a civilização africana e americana?
É um grande transatlântico, ela não é uma civilização atlântica,
ela é transatlântica.”
(Beatriz Nascimento, 1982)*

Introdução: notas biográficas e um caminho na História

No seu texto *Por uma história do homem negro*, de 1974, Beatriz Nascimento afirmou que “A história da raça negra ainda está por fazer, dentro de uma história do Brasil ainda a ser feita” (2007: 97). A polimorfia com que demonstrou suas condições de articulação entre um lugar, uma prática e uma escrita da história, na sua produção, nos permitem estabelecer as condições dessa historiadora, dentro da sua geração, em escrever sobre o protagonismo e autoria dentro do projeto-desafio de uma história negro-brasileira. “Este projeto é difícil. É um desafio. Este desafio aceitei-o totalmente (...)” (NASCIMENTO, 2007: 97). Nos colocou a pensar os limites impostos à presença, produção e difusão da produção intelectual das mulheres negras no período.

A produção acadêmica, cinematográfica e poética de Beatriz Nascimento, ampla do ponto de vista temático e recobrando as décadas de 1970 a meados de 1990, foi reunida em parte e publicada no livro *Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento* (RATTS, 2007) e ampliada na publicação *Uma história feita por mãos negras* (RATTS, 2021). Em vida, sua obra foi publicada de forma esparsa por jornais, revistas e coletâneas, desde 1974. Esse corpus documental está disponível em acervo digital, em periódicos, na imprensa, em blogs de ativistas e intelectuais, sites de movimentos e entidades negras, no portal institucional da Biblioteca Nacional na hemeroteca e acervo digital, no Arquivo Nacional, que custodia o Fundo Beatriz Nascimento, no Museu Afro Digital da Universidade Estadual do Rio de Janeiro e na obra publicada da historiadora. Neste artigo me detenho nos seus primeiros escritos, de 1974, quando a historiadora em tela lança seu primeiro olhar crítico sobre a historiografia brasileira.

Nascida em 12 de julho de 1942, natural de Aracaju, no estado de Sergipe, Maria Beatriz do Nascimento mudou-se com a família para o Rio de Janeiro, no ano de 1949. Realizou seus estudos básicos em escolas públicas da capital, guardando lembranças sensíveis da experiência racial na vida escolar. Prestou o vestibular de 1967 para o curso

de História, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde se matriculou em 1968. Concluiu sua graduação no ano de 1971. cursou a especialização em História do Brasil, pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense (UFF) entre os anos de 1979 e 1981. Concursada em 1984, foi nomeada professora de História da Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro. Iniciou o curso de mestrado em História na Universidade Federal do Rio de Janeiro. E estava no mestrado em Comunicação da Universidade Federal, sob a orientação do professor Muniz Sodré, quando da prematura interrupção de sua vida, no ano de 1995.

Entre a academia e ativismo: um projeto/desafio para repensar a História do Brasil

Ao adentrar à universidade, Beatriz Nascimento registra seu encantamento com as ideias, a transformação, as pessoas, experienciando sua juventude em conexões com a geração daquele maio de 1968.

Eu nasci em 1968. Havia ideias no ar. Um ar de transformação. [...]. Encontramos Sérgio, com todos os compêndios de filosofia e ideologia debaixo do braço. Eufórico nos anunciou a Revolução de maio em Paris e concluiu “a transformação pela luta do proletariado está finda”. O que significava aquelas palavras? Sentíamos um contentamento, ao mesmo tempo, surpresa e sensação do fim de nossas crenças. Mas foi maio de 1968. (NASCIMENTO, 2018: 52).

Ingressou naquele ano no curso de Licenciatura em História, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Em escrito da década de 1990 relembra desse período como tempo de ações diretas de rua, atos públicos, passeatas estudantis na cidade do Rio. Conecta essa efervescência aos levantes antirracistas e anti-bélicos (Vietnã) nos Estados Unidos; às Olimpíadas do México, quando os atletas Tommie Smith e John Carlos, medalhistas estadunidenses levam ao pódio, ergueram o gesto simbólico do Pantera Negra, recusando a medalha em crítica à nacionalidade norte-americana. Beatriz destaca o quão marcante foi esse gesto em sua vida. O qual acessou por uma revista semanal “Neste momento abandonei qualquer projeto burguês, como se saísse por uma *Exit* imaginária da fila da Passeata dos 100 mil” (NASCIMENTO, 2018: 74). E consigna ali, em suas memórias, o momento mesmo em que deveria iniciar um ativismo político, marcado pelo pertencimento da “cor”, como parte de uma mudança social que ocorria em todos os continentes.

A inclinação de Beatriz Nascimento à pesquisa se mostrou logo de sua entrada na universidade. Atuou na qualidade de auxiliar de pesquisa no Arquivo Nacional e outros arquivos do Rio de Janeiro sob orientação do professor José Honório Rodrigues. Resultante dessa atividade, participou da publicação do livro “O Parlamento e a Evolução Nacional”, de 1971. Porém, o principal fruto do trabalho em arquivos, foi a localização referências aos quilombos, nos documentos de arquivos fluminenses (RATTS, 2007; BATISTA, 2016).

O contraste entre essa aquisição de consciência sobre o corpo negro, as lutas e o ativismo político e os limites da perspectiva disciplinar da história sobre a gente negra brasileira estava dado. Durante sua formação, Beatriz tratará com agudeza crítica as narrativas hegemônicas, bem como os sujeitos da produção de um conhecimento racializado e mitificador. Desse processo emerge de sua produção um conjunto de textos que abordam frontalmente os padrões e pressupostos da produção historiográfica nacional.

A historiadora em tela sugeriu em seu texto *Por uma história do homem negro, de 1974* (NASCIMENTO apud RATTS, 2007) a possibilidade de pensar a história suprimindo a hegemonia da Europa ocidental, como ponto de partida para uma narrativa sobre a pessoa negra no Brasil. Beatriz Nascimento propôs uma perspectiva contracolonial, que emerge em seu trabalho em crítica pluriforme e sob um programa de reformulação historiográfico. Contracolonialidade que pode ser abordada amplamente como “processos de resistência e de luta em defesa dos territórios - espaço, corpo, conhecimento - dos povos contra colonizadores, os símbolos, as significações e os modos de vida praticados nestes territórios” (PAZ, 2019: 201). Beatriz Nascimento estabeleceu seu olhar crítico sobre as práticas da historiografia brasileira, marcada pelo olhar eurocentrado. A historiadora patenteou seu estranhamento a uma abordagem estereotipada ou mistificadora da gente negra brasileira, que lidava com categorias de exotização, primitivistas ou estruturalistas, como a de classe social, vigentes no período de sua formação universitária.

(...) estranhamento pela condenação do negro, por parte da historiografia nacional e do campo intelectual brasileiro, à ordem exclusiva do discurso colonial. (...) E, dessa forma, Beatriz Nascimento incorpora as críticas à historicidade da época e faz denúncias do silenciamento sobre o tema. A posição de Beatriz Nascimento ajudou a afastá-la de uma concepção naturalista da história e colaborou para

inscrevê-la entre os que contestaram a visão simplista de um fenômeno complexo denominado Atlântico Negro. (BATISTA, 2016: 31s)

Dentre as múltiplas questões sobre “o problema da História do negro no Brasil” trouxe indagações sobre a ontologia negro-brasileira “quem somos nós?”; sobre a abordagem evolucionista e hierarquizadora “seremos estudados como seres primitivos?”; sobre a fixação da população negra em nichos sociais autorizados ao trânsito étnico” como expressão artística na sociedade brasileira”; como classe social, seremos confundidos com brancos pobres, nordestinos pobres; sobre a homogeneização de experiências étnicorraciais diferentes “equiparados aos índios ou aos judeus” (NASCIMENTO, apud RATTS, 2007: 94).

Beatriz Nascimento identificou uma operação epistemicida, tendo produzido uma crítica aguda da historiografia brasileira no que diz respeito à questão negro-brasileira. Epistemicídio foi conceito retomado por Sueli Carneiro, caracterizado pela

“anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural e (...) mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva” (2005: 97)

Certamente a crítica da abordagem acadêmica à história negra, o contato com as ideias de intelectuais tais como Abdias Nascimento, Lélia Gonzalez e Muniz Sodré, ademais o constante interesse pelas lutas negras em outros pontos da diáspora africana nas Américas, adicionados ao acesso à documentação de arquivo despertaram em Beatriz Nascimento o interesse pela história dos grupos em “sistemas sociais livres – genericamente chamados de quilombos (BATISTA, 2016: 32). Uma mirada lúcida sobre as hegemonias raciais discursivas acerca da história negro-brasileira a conduziu a propor uma história do quilombismo, como parte da inventividade africana no Brasil, compondo as formas de resistência cultural negra e “do movimento de conscientização do negro e da sociedade brasileira.” (NASCIMENTO, apud RATTS, 2007).

Sua proposta para o estudo dos quilombos sugeriu uma aproximação à história de liberdade da gente negra. Buscando novas abordagens sobre a história dos quilombos do

período colonial e imperial, operando a erudição crítica sobre documentos oficiais que descreviam os quilombos unicamente como regiões conflagradas. Para explorar outras possibilidades como a “paz quilombola”. (NASCIMENTO, 2018). Ao tempo em que as trilhas de sua pesquisa percorrerão trajetórias que correlacionariam os quilombos coloniais e rurais a novas territorialidades contemporâneas e urbanas, o que pode ser percebido nos materiais de sua autoria para argumento e textos do filme *Ori*³(NASCIMENTO; GERBER, 1989).

O protagonismo de Beatriz Nascimento podia ser percebido na sua presença constante nas discussões políticas e sociais do período. Ela começava a adquirir notoriedade. A universidade era seu lugar privilegiado de atuação. Para BATISTA, “Esta era a sua militância, e foi também o seu dilema!” (2016: 44). A encruzilhada entre a universidade e o movimento negro se manteve durante toda a trajetória de Beatriz, que também apontava os limites do pensamento acadêmico, no horizonte da sua dinâmica de produção colonial.

Sua análise da documentação lançou uma crítica, tão arguta quanto erudita, sobre a massa documental produzida pelo colonizador sobre o quilombo. Beatriz desvelou a narrativa dominante de que o quilombo pudesse existir e ser registrado somente no “momento em que o quilombo entra em guerra com a ordem oficial.” (NASCIMENTO, 2018: 104). Destacando a sonegação da história do quilombo em tempos de paz, sugeriu que, a despeito dos filtros coloniais, era possível entrever o quilombo existindo como núcleo organizado, que desenvolvia relações sociais intrínsecas, assim como relações econômicas sociais em regiões vizinhas.

A identificação de um lugar denominado “Kilombo”, perto de Carmo da Mata/MG, despertou na pesquisadora o interesse pelo levantamento de conceitos histórico-culturais: quilombo e reinado. Esse estudo foi particularmente significativo, por dois motivos: a) sua abordagem interdisciplinar entre a antropologia e a história e; b) a dimensão contemporânea. Essa última, conforme destaca Alex Ratts (2006), demonstra a conexão feita por Beatriz Nascimento entre as múltiplas formas de “aquilombamento” no tempo presente: quilombos, favelas, escolas de samba, terreiros de candomblé, bailes negros.

³ Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1PBQutmbgkx63IUUD8qOgIM2wKVId4n/view>

Ao apresentar sua leitura sobre a experiência quilombista no Brasil, Beatriz Nascimento produziu uma interpretação a partir de dentro, sugerindo o potencial de efeito moral sobre a gente negra, onde sugere que o quilombo passa a ser visto por nós como fortalecimento psíquico, possuindo uma importância como história do negro, considerando sua existência contínua no interior da História do Brasil. Assim, ampliando o escopo, a pensadora entendia que podia ser uma atitude dos negros de se manterem, no sentido histórico e de sobrevivência grupal, edificando-se historicamente como lugar social e organização que cria uma nova ordem interna e estrutural. (RATTS, 2007: 124).

Intelectual do quilombo, Beatriz Nascimento buscou e estabeleceu continuidades entre a experiência quilombola no passado e os novos - variados - territórios negros, tais como as favelas ou ex-favelas com forte densidade populacional negra, no Rio de Janeiro. Ao expandir essa análise a outros centros urbanos no país e zonas rurais, Beatriz Nascimento registra ocorrências na Bahia, Minas Gerais, Pernambuco e São Paulo. (NASCIMENTO, 2018: 137). Leitora do antropólogo baiano Edison Carneiro, com ele compartilhou a ideia de que o conceito de quilombo trazia uma uniformização errônea da multiforme experiência de organização social negra no Brasil dos séculos XVI ao XIX, variada em suas dinâmicas no tempo e no espaço. (RATTS, 2021: 116s)

Em 1977, Beatriz Nascimento compareceu à Quinzena do Negro na USP, sob convite de Eduardo de Oliveira e Oliveira, na qualidade de conferencista, dando a conhecer o potencial de articulação entre a academia e o movimento social, evidenciando ainda o reconhecimento que recebia entre seus pares, tendo proferido a Conferência Historiografia do Quilombo, (RATTS, 2021), que se tornou um divisor em sua trajetória. Sobretudo no que concernia à pesquisa sobre os quilombos, tema de sua alocação na atividade. Ali, a historiadora contou como interlocutores os nomes mais proeminentes do movimento negro e da academia. Esse convite foi indicador do renome já construído em torno das atividades da pensadora. Sua participação veiculou resultados de sua pesquisa e destacou a temática racial como central na sociedade brasileira suplantando inclusive a questão de classe, o que parece ter sido bastante debatido. (BATISTA, 2016: 38).

A relevância da Quinzena do Negro na trajetória intelectual de Beatriz Nascimento pode ser mensurada de várias formas: a) sua correspondência com Eduardo de Oliveira e Oliveira revela a organização e a realização conjunta de iniciativas entre ativistas e intelectuais negros no mundo acadêmico do Rio de Janeiro e São Paulo no período; b) o registro de sua atuação, na qualidade de interlocutora de intelectuais

proeminentes, a partir de 1977; c) o reconhecimento público do trabalho de pesquisa sobre o quilombo; d) a retomada da vida acadêmica institucional, ao se inscrever em 1979 à pós-graduação, especialização na Universidade Federal do Rio de Janeiro e o mestrado na Universidade Federal Fluminense; e) a parceria cinematográfica com Raquel Gerber, que conheceu Beatriz ao realizar registros fílmicos da Quinzena do Negro, que viria a desembocar na produção do documentário *Orí* (1989), sobre as dinâmicas do Atlântico Negro, Quilombo e Territórios Negros, obra fundamentalmente vinculada ao percurso intelectual da historiadora; f) as viagens ao continente africano, como parte de suas pesquisas sobre o mundo transatlântico.

Os desafios da conexão entre o pertencimento racial e a participação social na universidade se mantinha, trazendo inclusive em momentos cruciais, episódios de enfermidade psíquica. Para Batista, Beatriz viveu:

o dilema da intelectualidade negra no Brasil [que] reside na herança racista do campo intelectual brasileiro. Para tanto, argumento que este microcosmo social produz um jogo hostil à produção da intelectualidade negra por discordar dos temas e das reflexões, e, principalmente, pelo incômodo provocado pelas contradições apontadas acerca das interpretações de cânones do pensamento social brasileiro sobre a história do Brasil e do negro. Nesse tópico, eu proponho conduzir a reflexão tomando como base a proposta do duplo vínculo – ordem científica e ordem social (...)” (2002: 78).

O tratamento dado à análise e crítica do material didático demonstrava atenção e zelo com a inscrição de novas narrativas sobre a história africana e outras representações discursivas e imagéticas sobre a cultura negra no Brasil. É possível entrever certo ineditismo na abordagem a partir do lugar da professora negra, na escola pública. Em estreita relação com o percurso intelectual da historiadora: o estranhamento com os discursos dos livros didáticos; a pesquisa do quilombo; a ligação do Brasil com a África; a continuidade histórica dos quilombos às favelas. (BATISTA, 2016: 48).

Em 1987, publica, em co-autoria com Helena Teodoro e José Jorge Siqueira o livro “O negro e a cultura no Brasil”, editado pela Unesco (RATTS, 2021: 269). A partir da década de 1980 textos de sua autoria demonstram um interesse renovado em outras temáticas interligadas à questão racial. Dentre as quais o aprofundamento sobre subjetividade e afetos de homens e de mulheres negras em contextos de racialização;

movimentos negros e cultura; raça e classe na sociedade brasileira. Participa da Marcha dos Movimentos Negros em 1988, alusiva ao centenário da abolição. E lança o Documentário Orí, em 1989. (RATTS, 2021: 270).

Inovador, o filme-documentário Orí tem direção de Raquel Gerber, com textos e narração de Beatriz Nascimento. Parte da história do cinema brasileiro, foi produzido no período de 1977 a 1983, com finalização em 1988, e lançamento no ano de 1989. A elaboração da obra está diretamente conectada às atividades de Beatriz Nascimento no período. Seja pelo registro da Quinzena do Negro, de 1977, com os debates, tensões e aberturas presentes no ambiente negro universitário, no período que precede a fundação do Movimento Negro Unificado, seja apelo registro dos percursos da pesquisadora sobre os quilombos. De Palmares às Escolas de Samba. E outros territórios urbanos e rurais. O filme registra importantes momentos da organização política e da tomada de “consciência” dos movimentos negros no país: “autoconsciência, individual e coletiva, acerca da inserção da população negra na história da sociedade brasileira” (RATTS, 2007: 64). Há gravações no Brasil tomadas em São Paulo, Minas Gerais e Alagoas. Em África ocorreram filmagens no Senegal, no Mali e na Costa do Marfim. Filme documenta momentos de comunidades tradicionais na costa ocidental africana, seguindo a direção dada por Beatriz na busca de conexões entre a experiência negro-brasileira e a África. Sem descurar da perspectiva de uma África autônoma em relação à história do Brasil.

A chegada da década de 1990 encontra uma autora que havia ocupado os espaços que podia, por meio da publicação de um grande conjunto de textos em revistas de divulgação ou acadêmicas, de circulação nacional e mesmo fora do país. Sua perspectiva crítica incluía desde a década de 1970 uma contestação à história colonial, onde cabia à comunidade e à pessoa negra a visão estereotipada (BATISTA, 2016). Beatriz propugnava por uma transformação da historiografia a partir de *novas bases epistemológicas*. Dentre as balizas para uma história negra, ressaltavam: a) necessidade de pesquisar o *protagonismo negro* na formação da nação brasileira; b) a possibilidade de estabelecer uma linha de *continuidade histórica entre os núcleos negros do passado brasileiro e as comunidades negras contemporâneas*; c) o desvelamento dos *jogos de poder na operação racial e subjetivação da pessoa negra* na sociedade brasileira; d) a *transformação do ensino de história* na escola e na universidade.

Por uma História do homem negro: lugar de emergência e um projeto historiográfico

Projetando o protagonismo da comunidade negra na disputa pela invenção da historiografia, Beatriz Nascimento sugeriu uma reorganização cognitiva para afirmação das agências de sujeitos negros como enunciadores de discursividade historiográfica (RATTS, 2007: 97).

A mirada crítica, ao mecanicismo e ao cientificismo da era industrial, a uma redução da história como ciência “puramente constatativa” comparece na abertura do texto *Por uma história do homem negro* (2007), junto à questão que enuncia o ponto de partida proposto por Beatriz Nascimento na sua reflexão sobre a história “Como retomar o verdadeiro tempo da história(...)?” (2007: 93), considerando “Como fazer, como escrever a História sem se deixar escravizar pela abordagem da mesma, fragmentariamente?” (2007: 93). A historiadora insere ali a crítica sobre as primeiras dinâmicas de um projeto de cientificidade remontando ao renascimento e à estruturação do mundo colonial.

Pode-se, dessa primeira parte do texto *Por uma história do homem negro* destacada acima, salientar alguns aspectos que deram contorno à escolha pela história feita por Beatriz Nascimento (1974: 93), como campo de combate e possibilidade de enunciar narrativas historiográficas. Destaca-se inicialmente a noção de veracidade e temporalidade, como elementos conexos à perspectiva de uma história livre de fragmentarismos.

Quando Beatriz Nascimento incorporou ao seu texto *Por uma história do homem negro* (1974) a análise da experiência das relações interraciais no Brasil demonstrou a especificidade de uma reflexão que emergiu do seu lugar sócio-racial e a lucidez intelectual sobre o *habitus* da sociedade brasileira no tratamento da questão negra.

Ao fazer suas escolhas temáticas, no modo de qualificar a operação racial brasileira na força de sua virulência, quando lançou seu olhar sobre essa maquinaria, sua produção trouxe à vista tanto a condição de possibilidade para a emergência de uma história nascida em outra chave, para a análise da sociedade brasileira; quanto as dificuldades encontradas para o trânsito, o desenvolvimento e difusão dessa produção e suas narrativas. Assim, afirmou:

“A todo momento o preconceito racial é demonstrado diante de nós, é sentido. Porém, como se reveste de uma certa tolerância, nem sempre é possível percebermos até onde a intenção de nos

humilhar existiu. (...) algumas destas manifestações já foram inclusive incorporadas como parte nossa.” (NASCIMENTO, 2007: 94)

Correlacionou o silêncio da história ao recalque dessa negação racial: “Todas as agressões não resolvidas, todo o recalque de uma história ainda não escrita, ainda não abordada realmente, fazem de nós uns recalcados, uns complexados.” (2007: 96). Incorporou elementos da psicanálise, aproximando-se à perspectiva de Léia González ao abordar a questão da mulher negra na sociedade brasileira. (GONZÁLEZ, 2019)

Essa intertextualidade entre história e psicanálise incide, na leitura de Beatriz Nascimento, tanto por um olhar sobre a violência racial infligida no cotidiano, quanto na própria internalização do incômodo racial pela pessoa negra.

De tal forma o preconceito racial contra o negro é violento e ao mesmo tempo sutil, que ele existe latente e muitas vezes vem à tona nas relações entre nós mesmos. Temos, vamos dizer, uma atitude de amor e ódio por nós mesmos; a presença, o confronto com o outro nos incomoda também. (2007: 94)

O registro do incômodo racial e das suas fricções na vida social trazem à produção de Beatriz Nascimento uma crítica à ideologia social e de estado como ideário de democracia racial. A negação peremptória da ideologia racial dominante, evanescente e hegemônica, comparece como texto sobre a produção literária e intelectual brasileira, no que concerne à questão negra. “A democracia racial brasileira talvez exista, mas em relação ao negro inexistente.” (2007: 94)

As manifestações preconceituosas são tão fortes que, por parte de nossa intelectualidade, dos nossos literatos, dos nossos poetas, da consciência nacional, vamos dizer, somos tratados como se vivêssemos ainda sob o escravismo. A representação que se faz de nós em literatura, por exemplo, é a de criado doméstico, ou, em relação à mulher, a de concubina do período colonial. O

aspecto mais importante do desleixo dos estudiosos é que nunca houve tentativas de nos estudar como raça. (2007: 95)

Ao ter enunciado a lacuna sobre o estudo da questão racial pelos estudiosos brasileiros, B. Nascimento, enuncia que uma das clivagens de hierarquias dominante na cena social do país é negligenciada. O intérprete de uma nação racializada como o Brasil, mas que não busca compreender essa chave de leitura, é tributário de um lugar social outro.

O branco brasileiro de um modo geral, e o intelectual brasileiro em particular, recusam-se a abordar as discussões sobre o negro do ponto de vista de raça. Abominam a realidade racial por comodismo, medo ou mesmo racismo. Assim perpetuam teorias sem nenhuma relação com nossa realidade racial. Mais grave ainda, criam novas teorias mistificadoras, distanciadas dessa mesma realidade. (NASCIMENTO, 2007: 95)

Beatriz manteve o horizonte de seu projeto-desafio como devir de uma história do Brasil, na singularidade da experiência negro-brasileira. Com especificidades demarcadas em separado com relação à história africana e de outras partes de a diáspora africana no novo mundo.

Devemos fazer a nossa história, buscando nós mesmos, jogando nosso inconsciente, nossas frustrações, nossos complexos, estudando-os, não os enganando. Só assim poderemos nos entender e fazer-nos aceitar como somos, antes de mais nada pretos, brasileiros, sem sermos confundidos com os americanos ou africanos, pois a nossa História é outra. Como é outra a nossa problemática. (2007: 97)

Nessa perspectiva Beatriz propôs, como projeto, uma interpretação histórica do Brasil que colocasse no centro da análise a racialização das relações sociais e históricas. Sugeriu a historiadora em tela, o enquadramento da temporalidade como parte da tarefa da história, suplantando a mistificação de um *a priori* sobre a tarefa da historicizar: “Como se a história pudesse ser ‘limitada no tempo espetacular’, no tempo representado, e não o contrário: o tempo é que está dentro da história.” (2007: 97). Essa assertiva parece incidir sobre sua perspectiva de desmistificação da história negro-brasileira.

A investidura da história como campo de retificação do passado colonial (*o tempo da destruição*), do enfrentamento às hierarquias oriundas da operação racial, em certa medida sugerem que a história emerge para Beatriz, como campo de possibilidade para o aquilombamento. Considerando que no seu trabalho para a obra cinematográfica *Ori* (1989) a historiadora se dedicou a ampliar os usos e sentidos da experiência histórica do quilombo no Brasil. A inferência sobre as conexões e perspectivas de um trabalho coletivo em torno de uma história do negro brasileiro permanece como uma questão. Avulta a percepção da natureza e envergadura da tarefa a que Beatriz Nascimento se propunha em 1974.

Bibliografia

ACERVO CULTNE. Especial Beatriz Nascimento. <
<https://www.youtube.com/watch?v=6VmPjhOTozI>>. EM 16 de julho de 2021. Acesso em 19 de julho de 2021.

BARRETO, Raquel. *Introdução* (Raquel Barreto, org.). In: NASCIMENTO, Beatriz. **Quilombola e Intelectual: possibilidade nos dias da destruição**. São Paulo: União dos Coletivos Pan-Africanistas. Editora Filhos da África, 2018, p. 26-39.

BATISTA, Wagner Vinhas. *Palavras Sobre uma Historiadora Transatlântica: estudo da trajetória Intelectual de Maria Beatriz do Nascimento* (Tese). Universidade Federal da Bahia, 2016.

CARNEIRO, Sueli. “*A construção do Outro como Não-ser como fundamento do Ser*”. Universidade de São Paulo (Tese), 2005.

NASCIMENTO, Beatriz. “*É Tempo de Falarmos de Nós...*” (Alex Ratts, org.) In: **Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo, Imprensa Oficial, 2007.

Gonzalez, Lélia. *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. In: **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Heloísa Buarque de Hollanda (org.). Rio de Janeiro: Bazar do Tempo. 2019.

NASCIMENTO, Beatriz. *Todas as Distâncias: poemas aforismos e ensaios* (Alex Ratts e Betânia Nascimento, orgs.). Salvador, Ed. Oguns Toques, 2015.

NASCIMENTO, Beatriz. *Quilombola e Intelectual: possibilidade nos dias da destruição*. São Paulo: União dos Coletivos Pan-Africanistas. Editora Filhos da África, 2018

NASCIMENTO, Beatriz. *Uma História Feita por Mãos Negras*. São Paulo, Ed. Zahar, 2021.

NASCIMENTO, Beatriz; GERBER, Raquel. ORI. Rio de Janeiro, 1989. In: <https://drive.google.com/file/d/1PBQutmbgkx63IUUD8qOgIM2wKVI4n/view>

NASCIMENTO, Beatriz. “*É Tempo de Falarmos de Nós...*” (Alex Ratts, org.) In: **Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo, Imprensa Oficial, 2007.

NASCIMENTO, Beatriz. *Todas as Distâncias: poemas aforismos e ensaios* (Alex Ratts e Betânia Nascimento, orgs.). Salvador, Ed. Oguns Toques, 2015.

NASCIMENTO, Beatriz. *Quilombola e Intelectual: possibilidade nos dias da destruição*. São Paulo: União dos Coletivos Pan-Africanistas. Editora Filhos da África, 2018

NASCIMENTO, Beatriz. *Uma História Feita por Mãos Negras*. (Alex Ratts, org.). São Paulo, Ed. Zahar, 2021.

PAZ. Francisco Phelipe Cunha. *Na casa de Ajalá: comunidades negras, patrimônio e memória contracolonial no Cais do Valongo – A “Pequena África”*. Universidade de Brasília (dissertação). 2019.

RATTS, Alex. *Eu Sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo, Imprensa Oficial, 2007.

RATTS, Alex. *Uma História Feita por Mãos Negras*. São Paulo, Ed. Zahar, 2021.

REIS, Rodrigo Ferreira dos. *Beatriz Nascimento Vive Entre Nós: pensamentos, narrativas e a emancipação do ser - anos 70/90* (Dissertação). Universidade do Estado de Santa Catarina, 2020.

RÜSEN, Jörn. *Razão Histórica*. Brasília, Ed. UnB, 2010.